

BERNARDINA RICH NO CENÁRIO EDUCACIONAL MATO-GROSSENSE: INDÍCIOS ENCONTRADOS NA IMPRENSA

BERNARDINA RICH IN THE EDUCATIONAL LANDSCAPE OF MATO GROSSO: EVIDENCE FOUND IN THE PRESS

Gabrielle Pacheco*
gabimondego09@gmail.com

Michele Ribeiro de Carvalho**
mmichelerj@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, investiga-se a atuação da educadora negra Bernardina Elvira Maria Rich (1872-1942) a partir de excertos encontrados na imprensa periódica, sobretudo em *A Violeta* (1916-1950), revista feminina com a qual colaborou ao longo do curso de sua vida, figurando como diretora por 13 dos 34 anos de circulação do periódico. Bernardina Rich foi professora, jornalista e benfeitora. De cunho histórico-documental, este texto busca diálogo com os estudos de Nadaf (1993), Gomes (2009) e Pinto (2023), no que se refere à trajetória da educadora bem como à revista *A Violeta*; e elege os preceitos de Burke (2011), Chartier (2002) e Mattos (2013), como caminhos metodológicos. Os resultados desta pesquisa apontam que a múltipla atuação de Rich lhe conferiu um *status* de mediadora cultural, a partir das atividades desenvolvidas no magistério, na imprensa e na filantropia. Por fim, espera-se que este estudo possa pavimentar outras pesquisas que tenham como objeto a história das educadoras negras no Brasil, a educação para mulheres no Brasil, a imprensa feminina brasileira, bem como a própria gênese da história das mulheres no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Bernardina Rich; imprensa cuiabana; mediadora cultural.

ABSTRACT: This article investigates the work of black educator Bernardina Elvira Maria Rich (1872-1942) based on excerpts found in periodicals, especially in *A Violeta* (1916-1950), a women's magazine with which she collaborated throughout her life, serving as director for 13 of the 34 years of its circulation. Bernardina Rich was a teacher, journalist, and benefactor. Based on historical-documentary nature, this text seeks dialogue with the studies of Nadaf (1993), Gomes (2009), and Pinto (2023) regarding the trajectory of the educator as well as the magazine *A Violeta*; besides electing the precepts of Burke (2011), Chartier (2012), and Mattos (2013) as methodological paths. The results of this research indicate that Rich's multiple roles conferred upon her status of cultural mediator, based on her activities in teaching, the press, and philanthropy. Finally, it is expected that this study may be subsidiary for other research on the history of black female educators in Brazil, education for women in Brazil, the Brazilian women's press, and the very genesis of women's history in Brazil.

KEYWORDS: Bernardina Rich; Cuiabá press; cultural mediator.

Introdução

Embora tenha se consolidado ao longo das últimas décadas como um profícuo campo de estudos, o número de pesquisas que iluminam mulheres e sua(s) história(s) ainda é

* Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Professora Adjunta de Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ).

** Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd/UERJ). Pedagoga da UERJ (Técnico Universitário Superior) e Professora da SME/Rio de Janeiro. Realizou o Estágio Pós-doutoral na Universidade Federal de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL/UERJ).

incipiente. Uma busca¹ rarefeita no Banco de Teses e Dissertações da Capes (BDTD) é capaz de evidenciar o fosso persistente entre pesquisas que se referem às figuras masculinas e às femininas, em especial na área da Educação, cara à esta pesquisa.

À guisa de exemplo, ao consultarmos as pesquisas em referência ao renomado educador Anísio Teixeira (1900-1971), somam mais de 1000 resultados; ao passo que para a também renomada educadora Cecília Meireles (1901-1964), contemporânea de Anísio, são pouco mais de 180 pesquisas. Apenas este argumento poderia justificar a escolha da trajetória de uma mulher para esta pesquisa. Contudo, a escolha da professora, jornalista e benfeitora cuiabana Bernardina Elvira Maria Rich dá-se também por conta da cor de sua pele, fator preponderante, como se observa, em sua trajetória intelectual.

Para além da sala de aula, Bernardina Rich teve expressiva atuação na imprensa mato-grossense, notadamente na revista *A Violeta*, periódico feminino cuiabano fundado em 1916 como uma ação concreta do Grêmio literário Júlia Lopes, do qual Bernardina era associada. Ademais, Rich presidiu a filial mato-grossense da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, de 1934 a 1942, e foi representante de *A Violeta* na criação da Associação de Imprensa Matogrossense em 1934. Apesar de sua múltipla atuação, Bernardina ainda é pouco memorada na academia, o que pode ser evidenciado pelas escassas pesquisas a seu respeito, majoritariamente oriundas² de Mato Grosso.

Partindo dos pressupostos da História Cultural, este texto busca diálogo com os estudos que fazem notar a trajetória de Bernardina Rich, com especial atenção aos trabalhos de Nadaf (1993) e Gomes (2009), assim como aqueles que evidenciam a revista *A Violeta*, como em Costa (2018) e Pinto (2023). Como metodologia, elegem-se as premissas de Burke (2011), no que tange ao cruzamento de fontes, Chartier (2012), na lógica das representações, além de ancorar-se em Mattos (2013) e Carneiro (2019), a partir das contribuições acerca do lugar ocupado por negros no Brasil.

Outrossim, a Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) é acionada para coletar os dados encontrados sobre a educadora, que somam mais de 100 ocorrências entre

¹ Consulta realizada em 02 de agosto de 2025, quando foi possível observar 1.191 resultados para a chave “Anísio Teixeira”, com 257 pesquisas na área da Educação; e um total de 186 resultados para a chave “Cecília Meireles”, dentre os quais apenas 12 são da área da Educação.

² Destacam-se os trabalhos de Nadaf (1993), Marques e Gomes (2017) e Gomes (2009).

as décadas de 1900 e de 1950, com expressivo número entre as décadas de 1930 e 1930. A este respeito, convém mencionar que periódicos de estados diversos integram esta lista, sugerindo um alcance em maior escala sobre sua figura e atuação.

Desta forma, propõe-se a divisão deste texto em duas seções que buscam, sumariamente, apresentar a trajetória intelectual de Bernardina Rich, entendendo suas múltiplas atuações não apenas como expressão de sua intelectualidade, mas também como forma sistemática de resistência frente às diversas barreiras impostas às mulheres negras na primeira metade do século passado; e observar os indícios encontrados a seu respeito na imprensa, sobretudo em *A Violeta*, fonte de destaque nesta pesquisa.

*A trajetória intelectual de Bernardina Rich (1872-1942): “a competente e abnegada professora”*³

A 10 do corrente, veio completar mais um anno da mais útil e preciosa existencia a nossa muito querida consorcio e activa companheira de redação (...). Si se trata da dona de casa, é exemplar chefe duma numerosa familia que dirige, porque mostra-se verdadeiramente carinhosa não só seus parentes como a tantos que adopta com o zelo materno. Professora, tem em Cuiaba um nome aureolado de glorias, que ja se distendem muito alem do Estado, nessa outra familia que o magisterio cria, porque D. Rich tem tido innumeras provas de que a amam as suas discipulas (*A Violeta*, ed. 65, p.7-8).

O texto acima, extraído de nota publicada pela redação de *A Violeta* em 19 de março de 1920, em ocasião do aniversário de Bernardina Rich, já nos oferece uma dimensão do alcance da educadora, ao menos no estado mato-grossense. Seus atributos fazem referência à maternidade, ao trabalho e à sua atuação no magistério.

Bernardina formou-se no Liceu Cuiabano⁴, instituição de ensino secundária pouco acessada por mulheres, na década de 1880. Em 1888, candidatou-se a um concurso público para ocupar a cadeira de professora primária em Cuiabá. De acordo com Marques e Gomes (2017), já neste momento é possível evidenciar questões raciais⁵ no curso da trajetória de Bernardina: revela a documentação acessada pelas autoras que ela fora preterida em favor de uma candidata branca, que aparentemente já exercia o cargo de forma *pro tempore*.

³ Trecho do texto “D. Bernardina Rich”, publicado na revista *A Violeta* em 28 de março de 1926, p.2

⁴ Criado em 3 de dezembro de 1879, durante o governo de Dr. Dormevil José dos Santos Malhado.

⁵ A partir do fato de que houve inconsistências nas datas de inscrição, pagamento da taxa e avaliação médica das duas candidatas.

Como bem salienta Muller (1999, p.157), ao longo da Primeira República (1890-1930), o magistério significou, além de uma oportunidade de profissionalização para as mulheres, “uma certa independência social, [que] produzia certa equalização”. Desta maneira, persistiu Bernardina e na década seguinte ocupou cargo de professora do Estado, como informa a pesquisa de Gomes considerando o recenseamento de 1890.

A edição 10 do periódico *A Reacção* (MT), publicada em 15 de maio de 1912, faz menção à uma Festa Littero-Musical⁶, ocorrida em abril daquele ano. Dentre as atrações da celebração, estava a “musica altamente significativa da Marselheza, cantada por 21 gentis meninas representando os 21 estados da Republica, sob a direcção e o acompanhamento ao piano da dedicada professora d. Bernardina Rich” (*A Reacção*, edição 10, p.162). No ano seguinte, aos 41 anos, dos quais 20 foram dedicados ao magistério, Rich dirige o colégio particular 8 de dezembro, conforme aponta Gomes (2009, p.55), ao verificar nos relatórios de ensino do ano de 1913:

a existência de registros acerca de uma escola particular, chamada “8 de Dezembro”, dirigida pela professora Bernardina Rich e contando com 112 alunos matriculados e 108 alunos freqüentes, na data de 15 de março de 1913. Os documentos encontrados com referência a esse estabelecimento de ensino e sua diretora datam até o ano de 1920.

Importante notar que Bernardina não deixou de exercer a profissão quando integrou o Grêmio literário Júlia Lopes. Fundada em novembro de 1916, a agremiação era composta por normalistas e mulheres da elite cuiabana, em sua maioria, exprimindo o “desejo de suas idealizadoras de promover a boa literatura e a as utilidades às leitoras” (Pinto, 2023, p.197), por meio da promoção do desenvolvimento intelectual das suas associadas, que se daria através da realização de conferências e de discussões de assuntos cívicos, morais e instrutivos, sobretudo.

Sua atividade jornalística em *A Violeta* - a princípio como tesoureira e, na sequência, como diretora, cargo exercido por 13 anos - lhe rendeu um status de “primeira jornalista cuiabana”⁷. José de Mesquita, presidente da Academia Mato-grossense de Letras à época,

⁶ De acordo com o periódico, tratava-se uma oportunidade para celebração também, para além do feriado nacional, o aniversário da Liga Mattogrossense de Livres pensadores, associação responsável pela publicação do periódico.

⁷ Conforme indicações em Petrucelli (2018).

assinava texto publicado na *Gazeta de Notícias* (RJ) em setembro de 1937, no qual menciona Bernardina Rich como uma das expressões da intelectualidade feminina naquele momento, ao lado das gremistas do Júlia Lopes.

Apesar de se tratar de um estado pobre e pouco habitado no começo do século passado - o número de habitantes era 60 vezes menor do que na capital, o Rio de Janeiro (Pinto, 2023) - convém ressaltar que Cuiabá insinuava-se como uma *urbe*, uma vez que “suas elites estavam a par dos debates que estavam sendo produzidos no restante do país, embora, às vezes, com considerável atraso” (Muller, 1999, p.84). Neste sentido, observa-se que a cultura letrada em Mato Grosso se desenvolveu significativamente no período, sobretudo pela criação do Instituto Histórico-Geográfico Mato-grossense e pela Academia Mato-grossense de Letras. Em acréscimo, figura o Grêmio Literário Júlia Lopes como “uma das sociedades culturais de Mato Grosso” (*A Cruz*, edição 1246, p.2), evidenciando o alcance das gremistas e suas ações na imprensa e na sociedade cuiabanas. Nas palavras de Júlio de Mesquita:

Também o movimento intelectual feminino se faz sentir através do Grêmio Júlia Lopes em cuja presidência se encontra a senhora Maria de Arrudo Muller, secundada pelas escriptoras Bernardina Rich, Maria Dimpina e Benilde Moura (*Gazeta de Notícias*, edição 221, s.p)

No final da década de 1920, Rich participa da criação do clube feminino, “o melhor centro de diversões da[quela] sociedade” (*A Violeta*, edição 213, p.11), sede para celebrações e eventos culturais. Mas é a década de 1930, como citado anteriormente, que compreende o período de maior atuação - ao que indicam as ocorrências - de Bernardina Rich. Em 1932 é eleita secretária geral da Liga Pró-lázaros, entidade assistencialista criada para atender a Santa Casa da Misericórdia, da qual a maioria das gremistas fizeram parte. Conforme anúncio no jornal *O Matto-Grosso*:

De grande elevação social e caritativa é a Liga Pro Lazaros, que se organisou no dia 27 do passado com a constituição da sua Directoria provisoia. Os minguados recursos da Santa Casa de Misericordia tornavam-se insufficientes para o custeio do Hospital de São João dos Lázaros onde se abrigam os vivos-mortos que ali paulatinamente vem fugir lhes a vida. O espirito caridoso do povo cuiabano. paga com a organização da Liga um tributo de piedade, que ja muito tardava, pois estamos certos de que secundando os esforços das iniciadoras dessa obra benemerita cada cuiabano, va depositar, mensalmente, no cofre da Liga, uma parcella pequena sequestrada da somma gasta com luxo e futilidades, para confcrto e allivio dos que a sorte condenou ao isolamento (*O Matto-Grosso*, edição 2283, p.3).

Para além da participação em eventos culturais promovidos pela Academia Mattogrossense de Letras, como noticiado⁸ em novembro de 1933 em *A Cruz*, Bernardina Rich é anunciada, em janeiro de 1934, ao lado de militares e juristas⁹, como única mulher a ocupar cargo na diretoria da Academia. Aqui convém refletir acerca do lugar social ocupado por Rich: enquanto mulher e negra, ocupava espaços que, em tese, não poderiam lhe ser destinados - o magistério, as associações, a imprensa, a Academia de Letras e os altos postos por ela acessados. Gomes (2009) comenta que, à época de seu concurso para magistério primário, Rich fora recenseada como parda¹⁰, o que distorce, em larga escala, de sua imagem, que se observava como negra, uma vez que continha os traços fenotípicos comuns à “raça negra” - cabelos, nariz, lábios e pele, como mostra a figura 1:

Figura 1 - Bernardina Rich na capa de *A Violeta*, edição 215-216, 1934.



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Contudo, a década de 1930, a partir da contribuição literária de Freyre (1933), sobretudo, contribuiu para uma tenra mudança nas mentalidades da sociedade que, até

⁸ Em referência à “A hora literária”, um programa de cultura do qual participaram sócios e representantes da intelectualidade cuiabana. A nota divulga que Bernardina Rich compareceu à assembléia acompanhada de algumas de suas colegas do Grêmio Literário Júlia Lopes.

⁹ Conforme disposto na página 2 edição 1945 do periódico carioca *Diário da Noite*, trata-se de 9 nomes, todos homens: Ernesto Borges, Martiniano de Araujo, Carmindo Campos, desembargador José Mesquita, Trigo de Loureiro, Major Emilio Calhau, Coronel Alcebiades Calhau, Major Joaquim Frederico de Mattos e Benedicto Mello.

¹⁰ A informação também encontra sustentação no trabalho de Dutra (2018, p.680), quando apresenta quadro comparativo entre mulheres e homens “considerados de raça parda, com idade entre 21 e 39 anos, que sabiam ler, conforme Recenseamento de 1890” e no qual é possível observar uma pequena diferença - aproximadamente de 2% - entre o número de homens e de mulheres letradas em Cuiabá.

aquele momento, ocupava-se em clarear a população negra, seja omitindo dados a respeito de sua aparência ou comparando os indivíduos a partir de seus traços possivelmente europeus. A este respeito, comenta Schwartz (2012, p.28) acerca do discurso do mestiço como nacional:

foi nos anos de 1930 que o mestiço transformou-se definitivamente em ícone nacional, um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue [...] quando a ideia de uma “democracia racial”, formulada de modo exemplar na obra de Gilberto Freyre, foi exaltada de maneira a menosprezar as diferenças diante de um cruzamento racial singular.

Desta forma, é possível compreender a ascensão de Rich no meio intelectual, ainda que tenha sido em menor proporção se comparada à algumas de suas companheiras gremistas não-negras. É a partir das contribuições de Mattos (2013) a respeito da “cor” dos documentos, isto é, a relação quase que indissociável entre determinados estereótipos e as atribuições às pessoas negras e brancas, que a trajetória de Rich é valorada em uma sociedade que se pretendia moderna e antiescravagista.

Se na capital federal a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino¹¹ (FBPF) já era uma realidade desde o começo da década de 1920, sob liderança de Bertha Lutz (1894-1976), em Mato Grosso a filial da Federação surgiu em 1934, inaugurada na presença da engenheira Nídia Moura, representante da capital. O feito fora noticiado na imprensa local, como na reportagem na edição 1677 do *Jornal do Commercio* (MT) - periódico que circulava em Campo Grande-, onde lê-se acerca de seu discurso:

a distincta hospede tomou a palavra para dizer da finalidade daquela reunião. Fallou como representante daquela Federação, mostrando a necessidade da união feminina em todo o Brasil. Poz um relevo as razões que auctorizavam o articulamento de todos os nucleos de acção feminina, afim de se fundar uma agremiação poderosa, contra cujos impulsos venham quebrar-se quaesquer tentativas coercitivas da liberdade feminina. Diz da sua actividade em Cuyabá, onde estivera desde Março e da organização feminina alli já existente e que está sob os auspicios directivos da antiga professora cuyabana Da. Bernardina Rich (*Jornal do Commercio*, edição 1677, p.1).

¹¹ Conforme menciona Azevedo (2015), a FBPF tinha por finalidade principal o direito ao voto feminino, além da promoção da educação feminina, da proteção da maternidade e da infância e da busca por legislação trabalhista para as mulheres.

Como é possível notar, Rich é citada como liderança da filial, a qual presidiu de 1934 a 1942, até sua morte. O mesmo percebe-se em *A Violeta*, edição 219, de 1934:

Pela directoria da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino foi recebida, na sede. a vice-presidente da Federação Maltogrossense, D. Adelina Ponce de Arruda, que expoz a organização recente da filial naquelle Estado cuja directoria é composta das senhoras: Bernardina Rich, presidente; Adelina Ponce de Arruda, 1a vice-presidente; Maria Dimpina Lobo Duarte. 2a. vice-presidente; Maria de Arruda Müller, 3a vice-presidente; Celia Nunes de Barros, 1a. secretaria; Elza Bodstein. 2a. secretaria: Maria Alzira Alderett, secretaria de socias, e Mary Mansur Bumlai, thesoureira (*A Violeta*, edição 219, p.3).

Ainda que a Federação tenha se consolidado em Mato Grosso apenas em 1934, sob o nome de “Federação Mattogrossense pelo Progresso Feminino”, como anunciam as redatoras de *A Violeta*, importante mencionar a instauração de uma Legião Feminina¹² em Mato Grosso, que se propunha, por meio de comissões permanentes, oferecer assistência com relação ao trabalho, instrução, festas e propagandas. É a partir da visita de Nídia Moura que a revista passa a divulgar, de forma mais efetiva, posicionamentos de cunho mais feminista, através da coluna “Página Feminista”, que apresentou, em 4 edições, as finalidades da FBPF, incluindo a publicação de um “credo” e um “decálogo da boa sócia” da federação:

DECALOGO DA BOA SOCIA

- 1 - Observar os estatutos da Federação
- 2 - Trabalhar para o seu desenvolvimento
- 3 - Participar de suas iniciativas
- 4 - Comparecer as suas reuniões
- 5 - Suggestir idéas á Direetoria
- 6 - Apresentar cinco socias por anno
- 7 - Não fazer voltar o cobrador
- 8 - Dedicar-se a causa feminista
- 9 - Acreditar no triumpho dos seus ideais
- 10 - Trabalhar para o aperfeicoamento moral, intellectual, social e civico da mulher (*A Violeta*, edição 229, p.11).

Dos pontos levantados como atributos para fazer parte da Federação, chama-nos atenção o décimo, por sugerir o aperfeiçoamento moral, intelectual, social e cívico da mulher - requisitos que Rich parece ter cumprido ao longo de sua trajetória diversa no cenário

¹² De acordo com Nadaf (1993), o estatuto da Legião Feminina foi publicado nas edições 199 e 200 de *A Violeta*, ambas datadas de 1932.

intelectual cuiabano. Neila Barreto¹³, ocupante da cadeira 19 da Academia Mato-grossense de Letras comenta acerca da atuação de Rich como presidente da filial da Federação:

Durante esta empreitada foi responsável pelo alistamento eleitoral das primeiras mulheres a votarem no estado de Mato Grosso. Atendia aos pedidos de muitas mulheres que moravam no interior e precisavam de auxílio dos mais diversos, inclusive, relacionados aos direitos trabalhistas. Estabeleceu relação direta com os grandes centros do país e procurava sempre manter-se informada solicitando que os boletins da Federação Brasileira não tardassem para chegar e que fossem enviados do Rio de Janeiro para Mato Grosso de avião. Assim que os recebia, reunia-se com as associadas e, juntas, deliberavam as ações, inclusive a maioria delas registradas na revista *A Violeta* para que a população tomasse conhecimento. Esteve à frente da Federação por oito anos até a sua morte em 19 de julho de 1942 (Barreto, 2019, s.p).

O argumento da atuação diversa de Rich pode ser endossado ainda pela redação de *A Violeta*, em uma das homenagens prestadas em razão de seu aniversário:

Pertencendo á Associação da Imprensa, ao Gremio Julia Lopes, á Liga pelo Progresso Femenino e á Liga Pro Lazaros, em cujas sociedades occupa logar de destaque na Directoria, D. Bernardina, em todas ellas é uma socia de acção, prestativa, trabalhadora (*A Violeta*, edição 229, p.6).

Em complemento, revela a documentação do inventário de Bernardina Rich que dentre seus bens figuravam cinco casas no Centro de Cuiabá, apólices, 158.000¹⁴ contos réis, além de valores a receber de sua aposentadoria. Tanto que sua filha adotiva, Maria de Lourdes Rich, ao pleitear¹⁵ a herança da mãe, encontrou dificuldades para acessar os valores *a priori* (Gomes, 2009), por se tratar de filha não-legítima de mãe solteira, o que infligiu as condutas erráticas do Código Civil de 1916.

Neste sentido, é possível compreender a trajetória de Bernardina Rich como uma mediadora cultural, conceito salientado por Carvalho (2021) ao comentar o papel dos

¹³ Neila Barreto é escritora, jornalista e historiadora. Antes de sua posse, em novembro de 2019, Neila já havia sido membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso- IHGMT. (Fonte: Academia Mato-grossense de Letras)

¹⁴ De acordo com Martins e De Luca (2018), no começo do século passado, a quantia de 30 a 60 contos de réis representava até 60% da média salarial de um trabalhador no período recortado, o que nos permite inferir que as economias de Bernardina Rich representavam um valor significativo para a época, especialmente em se tratando de uma mulher negra e solteira.

¹⁵ Dados acerca do andamento do processo podem ser encontrados, sob notas, nas edições 7196 de *O Jornal (RJ)*, 6162 do *Diário de Notícias (RJ)* e 277 do *Jornal do Brasil (RJ)*, em seções que indicavam os julgamentos e os foros.

mediadores culturais como produtores de bens simbólicos, a exemplo de editores, tradutores, e, no caso de Rich, diretores. Conforme a autora (2021, p.63-64):

Esses intelectuais podem ser entendidos à luz da chamada história dos intelectuais (SIRINELLI, 1996, 2003), como produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores políticos, relativamente, engajados na vida da cidade e nos locais de produção e divulgação de conhecimentos, que se vincularam por uma série de afinidades, em torno de lugares de sociabilidade.

No cenário intelectual cuiabano, Bernardina Rich atuou na difusão de conhecimento e cultura, seja através de sua liderança por mais de 13 anos¹⁶ como diretora de *A Violeta*, seja por meio de seu engajamento em causas diversas dentre as quais ressalta-se a instrução e educação de mulheres, em especial.

A educadora Bernardina Rich: vestígios na imprensa cuiabana

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CUIABÁ – MT, faço saber que a Câmara Municipal aprovou e, nos termos do Art. 16, IV e Art. 30 da Lei Orgânica; bem como o Art. 36, I, alínea “r” do Regimento Interno, promulgo a seguinte Resolução: Art. 1º Fica instituído o “Prêmio Bernadina Rich” destinado a agraciar pessoas negras que lutam pela emancipação da população negra nos mais diferentes espaços da sociedade. (Câmara Municipal de Cuiabá, 25 de outubro de 2021)¹⁷.

Elaborada pela vereadora Edna Sampaio, a resolução que instituiu a criação do “Prêmio Bernardina Rich”, em 2021, evidencia, já em primeira instância, o valor de sua homenageada. No texto que justifica o projeto, a vereadora reitera a importância de Rich, uma “mulher negra, professora, editora, membro-fundador da Federação Matogrossense pelo Progresso Feminino”, que obteve “lugar de destaque e prestígio na sociedade cuiabana das primeiras décadas do período republicano através do caminho da educação” (Sampaio, 2021, s.p).

Importante pensar sobre qual sociedade cuiabana estamos falando. Sousa (2021) ressalta que a elite cuiabana fora fortemente marcada pela “arte de fazer jornais”, de forma

¹⁶O trabalho de Pinto (2023, p. 211) apresenta quadro comparativo entre as diretoras de *A Violeta*, do qual evidencia-se o quantitativo de edições lideradas por cada uma das 4 diretoras: Bernardina Rich (72), Maria Dimpina (48), Marianna Póvoas (4) e Benilde Moura (4).

¹⁷ O texto completo do projeto encontra-se disponível em:

<<https://legislativo.camaracuiaba.mt.gov.br/Arquivo/Documents/PR/316681-202110250726342504-assinado.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2025.

a se colocar “diante dos problemas e adversidades vivenciadas pelos cuiabanos no período e quais imagens e símbolos emergem de suas falas (Sousa, 2021, p.4). Grosso modo, tratava-se de um extenso território, com uma baixa densidade demográfica e cuja população se concentrava em dois centros urbanos: Cuiabá e Corumbá, esta hoje localizada no Mato Grosso do Sul. Ao que indica Pinto (2023, p.230) em referência à divulgação do “progresso do estado matogrossense” nas páginas da revista comandada por Rich:

a Cuiabá do século passado passava por um processo de modernização, o que impulsionou não apenas a industrialização - principalmente pela construção da estrada de ferro -, mas ainda pelo reconhecimento da intelectualidade cuiabana.

Apesar da distância entre Cuiabá e a capital, considerada, ao lado de São Paulo, como eixo cultural do país, a cidade modernizou-se nas primeiras décadas do século XX. E parte deste projeto estava fundamentado em um ideário de educação observado na capital federal e em São Paulo. No início do século XX já havia quatro instituições de grande porte, entre elas o Liceu Cuiabano (1879/1884), local onde Bernardina Rich formou-se professora primária. Muller e Rodrigues (1994, p. 19) comentam que nesse momento houve um número significativo de colégios públicos e particulares, tal qual a Escola particular 8 de dezembro, fundada por Rich, mencionada nas memórias de Dunga Rodrigues¹⁸:

Como educadora e incentivadora das artes não podemos deixar de citar o nome da professora Bernadina Rich, que até a década de 30 mantinha um colégio no sobradão da Rua de Cima¹⁹, ensinando também música e promovendo teatrinho em datas festivas (Siqueira, 2020, p.144).

Ademais, Gomes (2009) sinaliza que os alunos da 8 de dezembro teriam sido direcionados para Escola de Aprendizes e Artífices, uma das instituições fundadas na reforma do ensino que instituiu os Grupos Escolares, do qual a escola fazia parte na modalidade de ensino profissional. Em acréscimo, a homenagem prestada à Rich na edição de 20 de março

¹⁸ Maria Benedita Deschamps Rodrigues (1908-2001) foi professora, musicista, historiadora e escritora. Foi ainda ocupante da cadeira 39 da Academia Mato-Grossense de Letras e trabalhou no NDHIR da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

¹⁹ A atual Rua Pedro Celestino, localizada no centro histórico de Cuiabá, onde também se fixou, durante algum tempo, a redação de *A Violeta*.

de 1921 de *A Violeta*, menciona ainda a Quarta Escola Izolada do Sexo Masculino²⁰ que estaria sob direção de Rich:

Nossa pesadíssima consocia D. Bernardina Rich. Não cabe nos limites dessas linhas dizer quem é a atual vice-presidente do Grêmio Julia Lopes, pois, os seus méritos, todos pessoasas vão além do que poderia dizer a penna da noticiarista. Desde a sua mocidade dedicou-se ao magistério primário, do qual é nesta cidade, uma das fulgurantes estrellas. Dizemnos do elevado conceito do extinto Collegio 8 de Dezembro e a Quarta Escola Izolada do Sexo Masculino que agora vem dirigindo com proficiência e desvelo... (*A Violeta*, edição 79, p. 7).

Anos antes, em texto dedicado às consócias do Júlia Lopes, publicado em outubro de 1918, a própria Rich nos fornece pistas acerca de seu posicionamento em relação à instrução e educação²¹:

Com effeito, ha muito poucos annos, a nossa instrucção estava muito aquem da que temos hoje, e sendo a instrucção um dos mais solidos alicerces sobre que repousa o progresso de um povo, nesse ponto já temos progredido muito. Mas, à instrucção deve estar sempre aliada a educação, bem o sabeis, e sobre isto resta-nos muito ainda por fazer. (...) A's maes cumpre formar o coração e o caracter dos filhos e às mestras burilar essa obra, e se não temesse offender susceptibilidades, eu diria com a convicção de professora encanecida no magisterio que ... nesse ponto, temos retrogradado. (...) A' vista do exposto eu vos direi com o coração nas mãos: Ha probabilidade de Cuyaba progredir, e como o futuro da Patria está na mocidade, façamos um appello à mulher brasileira, porque somente della depende a formação do coração e da intelligencia da nossa juventude (*A Violeta*, edição 41, p. 4).

Há dois pontos que merecem destaque na fala da professora: o primeiro, em referência ao progresso de Cuiabá - que funcionava também como um lema para a revista - que se daria através do desenvolvimento da educação de seu povo; e o segundo em referência a esse grupo, específico, a quem Rich direciona os anseios e a “missão” educadora: as mulheres. Não por acaso engaja-se, no curso de sua vida, em causas femininas que reivindicavam trabalho, voto e especialmente a educação. Nas palavras de Dunga Rodrigues:

O sobradão da Rua de Cima (Pedro Celestino), já no começo da Mandioca, Praça Gov. Conde de Azambuja onde, até a metade do século,

²⁰ A pesquisa de Paes (2011) apresenta dados acerca de 11 instituições de ensino em Cuiabá e enfatiza que havia 62 alunos na Quarta Escola isolada, sendo a 5ª colocada em número de alunos matriculados.

²¹ Souza (2019, p.50) observa que durante a primeira metade do século passado, o termo educar referia-se à ideia de condução, de progresso, considerando as bases iluministas e positivistas ainda em voga. Já instruir estaria atrelado à “uma ideia de aplicação do conhecimento e da instrução”.

aproximadamente, D. Bernardina Rich mantinha um colégio para moças de sociedade, onde, além do estudo tradicional, aprendiam música (Siqueira, 2020, p.134).

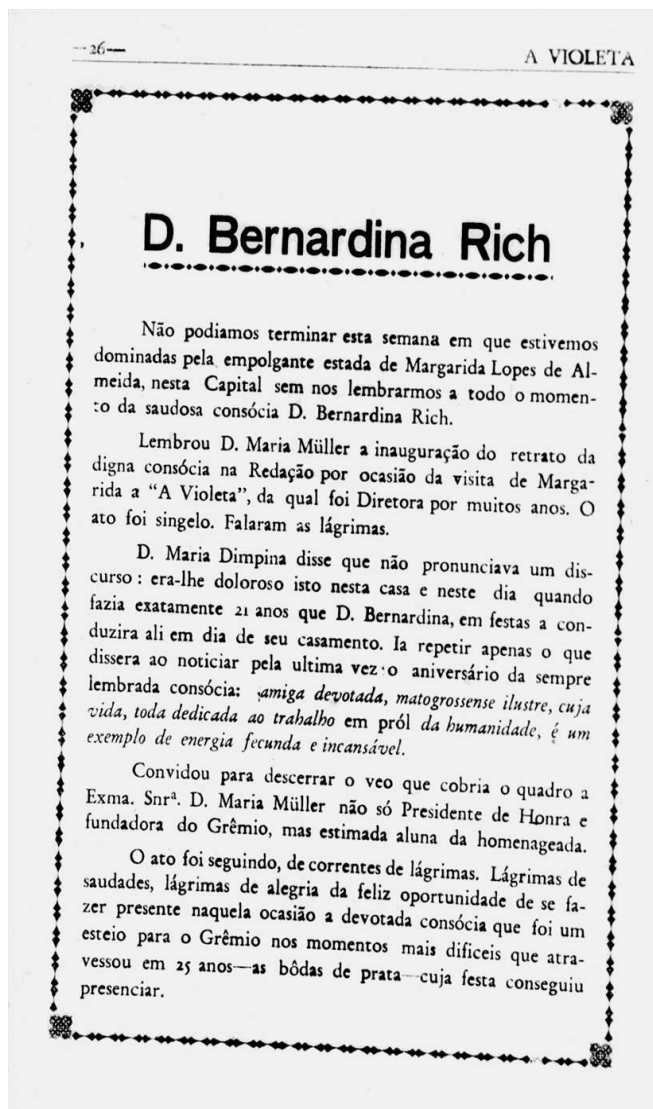
Neste sentido, convém evocar o que Lugones (2014) aborda ao propor circunscrever mulheres a parte de uma lógica categorial dicotômica, que limita e subjuga mulheres e as atividades por elas desenvolvidas. Bernardina Rich desenvolve grande parte de sua intelectualidade em prol da educação de mulheres, seja por meio da fundação e direção de instituições escolares, seja por meio de sua atuação como mediadora cultural, numa tentativa, entendemos, de romper com essa dicotomia que rege o método capitalista de exploração e subserviência, especialmente se tratando de uma professora negra.

É Gomes (2009) quem sinaliza a residência de Rich em um casarão localizado na Rua Voluntários da Pátria, onde hoje localiza-se o Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Em sua casa, recebia, assistia, instruía e educava jovens vulneráveis. Dentre os moradores, estava Maria de Lourdes Rich, adotada pela professora em 1933.

Em ocasião de sua morte, em 1942, *A Cruz* publica nota de falecimento citando seus feitos, dos quais sublinha a prestação dos “mais relevantes e dedicados serviços à cultura patricia e à obra de filantropia consubstanciada na assistência aos hansenianos” (*A Cruz*, edição 1538, p.2). O cortejo fúnebre, de acordo com a nota, fora prestigiado por representantes da cultura e intelectualidade cuiabana - des. Mesquita, Profs. Firmo Rodrigues e Francisco Mendes- além do envio de carta do Presidente da AML direcionada à Laurinda Vieira, presidente do Júlia Lopes à época.

Em 30 de outubro de 1943, *A Violeta* publica texto de página inteira para homenagear a saudosa consocia:

Figura 2 - Página 26 da edição 301 de A Violeta



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN.

Memorada como a “mattogrossense ilustre”, cujo trabalho fora dedicado “em prol da humanidade” (A Violeta, edição 301, p.26), a “mui veneranda D. Bernardina Rich” (Siqueira, 2020, p.159) obteve reconhecimento tanto em vida quanto no pós-mortis. Quando foi fundada a Escola Doméstica Dona Júlia (1946-1950), uma iniciativa do grêmio literário Júlia Lopes em colaboração com outros benfeitores, Rich é lembrada como “uma das pioneiras da Educação em nosso meio e que, pelas colunas de *A Violeta* se bateu, longos anos, pela fundação desse estabelecimento de ensino” (A Cruz, edição 1770, p.2).

Anos mais tarde, no final da década de 1950, é citada em *A Cruz* a instalação e inauguração de três estabelecimentos de ensino, dentre os quais encontra-se o Grupo escolar

e curso de admissão Bernardina Rich, localizado na Rua Presidente Marques, onde atuou a professora Relvita Campos Borges (Santos, 2025), entre outras.

Ao que indica esta pesquisa, Bernardina Rich percorreu uma trajetória muito particular de ascensão por meio de sua atuação como mediadora cultural, em face do que sublinha Carvalho (2021). Para além de seu papel como professora em sala de aula, Rich desenvolveu atividades outras que, em ampla medida, podem hoje ser compreendidas como formas de educabilidade, o que pode viabilizar o desenvolvimento de outras pesquisas a respeito de sua biografia e sua trajetória intelectual.

Considerações finais

Ao longo deste texto, buscou-se apresentar a trajetória da professora cuiabana Bernardina Maria Elvira Rich, mulher negra, com atuação diversa. Rich foi professora, jornalista, diretora e desenvolveu expressiva ação filantrópica, cujo destaque recai sobre a assistência às jovens educandas que, inclusive, estavam sob seus cuidados domésticos. Dedicou 52 de seus 70 anos de vida ao ensino - seja em espaços formais, como as escolas; seja em espaços não-formais de educação, como a imprensa - defendendo uma educação que pudesse fomentar o progresso humano e adquirindo um caráter de mediadora cultural.

Neste sentido, fundou uma escola particular, atuou em escolas públicas do estado, dirigiu estabelecimentos diversos, além de ter ocupado, por 13 anos, a direção de um dos periódicos femininos mais populares de Mato Grosso no começo do século passado. Em *A Violeta*, desenvolveu seu papel de diretora, parceira e orientadora, tendo sido lembrada como a “bússola” (*A Violeta*, edição 274, p. 3) que indicava a rota para redatoras e as gremistas, já que era vista como “estimada e dedicada consocia” (*A Violeta*, edição 250, p.4).

Contudo, é imprescindível considerar a natureza de sua origem quando tratamos de sua atuação. Como bem sinaliza Carneiro (2019, p.315), “não se pode falar em questões de gênero de forma linear. O racismo é agente e fio condutor”. Mesmo com intensa colaboração em *A Violeta*, das 25 ocorrências para o termo “negra” localizadas pela Hemeroteca Digital da FBN, há apenas uma que se refere de fato a uma pessoa: “a negra Conceição”²²; ao passo que para o termo “parda”, não há ocorrência alguma, omitindo, por completo, a natureza de Rich,

²² Personagem do conto “Rosalia”, publicado na edição 142, de 25 de dezembro de 1926.

que, como citado anteriormente, possuía traços comuns de pessoas da “raça negra”, e fora considerada “parda”.

Assim, debruça-se no discurso de Soihet (2003) acerca do rompimento com o conceito de sujeito universal. Analisar a trajetória de Bernardina Rich é buscar a margem desde a primeira instância: trata-se de uma mulher negra, solteira, sem filhos biológicos e com relações discretas. Tudo o que não era esperado de uma mulher a partir de um ideal de feminino e feminilidade durante as primeiras décadas do século passado (D’Incao, 2018). Desta maneira, os documentos não-oficiais, tais como aqueles provenientes da história oral ou periódicos, privilegiados nesta análise, tornam-se fontes fecundas para pensar mulheres e suas histórias, que passam a integrar a academia como sujeitos históricos, capazes de recontar essas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Neila. Bernardina Elvira Maria Rich. *Hipernotícias*. 06/09/2019. Disponível em: <<https://www.hnt.com.br/artigos/bernardina-elvira-maria-rich/139358>>. Acesso em 12 ago. 2025.
- BURKE, Peter (Org). Tradução de Magda Lopes. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Erico Veríssimo e a Biblioteca de Nanquinate: um projeto para a “petizada” brasileira (1936-1949)*. 2021. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. 2 ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.
- COSTA, Laís. *O feminismo nas crônicas da revista A Violeta (1916-1937)*. Curitiba: Editora Appris, 2018.
- D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, Mary.; PINSKY, Carla Bassanezi. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.
- DUTRA, Paulo Sérgio. A presença de mulheres negras trabalhadoras escolarizadas em periódicos mato-grossenses nos oitocentos. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 27, n. 65/2, p. 675–692, 2018. DOI: 10.29286/rep.v27i65/2.6889. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/6889>. Acesso em 8 ago. 2025
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

- GOMES, Nailza da Costa Barbosa. *Uma professora negra em Cuiabá na Primeira República: limites e possibilidades*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.
- LUGONES, Maria. "Rumo a um feminismo descolonial". *Estudos feministas*. Florianópolis, Volume 22, nº setembro-dezembro 2014, p. 935-952.
- MARQUES, A. M.; GOMES, N. da C. B. Bernardina Rich (1872-1942): uma mulher negra no enfrentamento do racismo em Mato Grosso. *Revista Territórios e Fronteiras*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 110-132, 2017. DOI: 10.22228/rtf.v10i2.688. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/688>>. > Acesso em: 6 ago. 2025.
- MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX) – 3a ed. rev.* – Campinas, sp: Editora da Unicamp, 2013.
- MARTINS, Ana Luiza; De LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.
- MESQUITA, José de. Matto- Grosso Intellectual. *Gazeta de Notícias*, edição 221, 17 de setembro de 1937.
- MULLER, Lúcia(a). *As Construtoras da Nação: professoras primárias na Primeira República*. Niterói: Intertexto, 1999.
- MÜLLER, M. de Arruda y RODRIGUES, D. (1994). *Cuiabá ao longo dos cem anos*. Cuiabá/MT: Ed. do Autor.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.
- PAES, Ademilson Batista. *A escola primária rural em Mato Grosso no período republicano (1889-1942)*. 2011. 268 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011.
- PETRUCCELLI, Mylenna. Bernardina Rich: sol da educação negra no séc. XIX. TJMJ. Disponível em: <<https://www.tjmt.jus.br/noticias/2018/11/bernardina-rich-sol-educacao-negra-no-sec-xix>>. Acesso em 12 ago. 2025.
- PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. *Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)*. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- SANTOS, Nilza Liamar dos. *Histórias de vida e do trabalho de sete velhas professoras na educação mato-grossense do século XX*. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2025.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (org). *Dunga Rodrigues: Homenagem do IHGMT pelos 112 anos de seu nascimento*. Cuiabá-MT: Paruna Editorial, 2020, 180 p.
- SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. *Divertir, educar e instruir: Vida Infantil (1947-1950)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SOIHET, Rachel. Mulheres e Biografia. Significados para a História. *Locus: Revista de História*, [S. l.], v. 9, n. 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20573>. Acesso em: 14 ago. 2025.

Schwarcz, Lília Moritz . *Nem preto nem branco, muito pelo contrário : cor e raça na sociabilidade brasileira*. 1ª- ed. — São Paulo : Claro Enigma, 2012.

FONTES DOCUMENTAIS

A CRUZ (MT). Ano XXVII, n. 1246, 9 de agosto de 1936.

A CRUZ (MT). Ano XXXII, n. 1538, 26 de julho de 1942.

A CRUZ (MT). Ano XXXVIII, n.1770, 27 de julho de 1947.

A REACÇÃO: orgam da Liga Mato-Grossense de Livre Pensadores (MT). Ano III, n.10, 15 de maio de 1912.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano II, n. 41, 18 de outubro de 1918.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V, n.65, 19 de março de 1920.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano V. n.79, 20 de março de 1921.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XVIII, n.213, 31 de janeiro de 1934.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XVIII, n.215-216, 08 de abril de 1934.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIX, n. 219, 25 de dezembro de 1934.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XX, n. 229, 30 de abril de 1936.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXIII, n. 250, 31 de março de 1939.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXIV, n. 274, 31 de março de 1941.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XXIV, n.301, 30 de outubro de 1943.

GAZETA DE NOTÍCIAS (RJ). Ano LXIV, n. 221, 17 de setembro de 1937.

JORNAL DO COMMERCIO (MT). Ano XIV, n. 1677, 23 de novembro de 1934.

O MATTO GROSSO (MT). Ano LIV, n.2283, 4 de dezembro de 1932.